

D. Wissenschaft ^{formal gesehen} eine diszipli-
nierter und fortschreitender Ent-
decken der Begriffe der tagli-
chen Gesprächs.

Existenzial gesehen, shall die
Begriffe Bios theoreticos

VILÉM FLUSSER

Procurei definir, na última aula, o conceito da ciência de dois pontos de vista: do formal e do existencial, e cheguei à conclusão seguinte: formalmente é a ciência uma maneira de falar, e existencialmente é ela uma disciplina criadora, semelhante à arte. Como linguagem discorre a ciência predicando sujeitos que são termos designando classes. Os elementos dessas classes são os nomes próprios utilizados pela conversação ocidental da qual a ciência surgiu. Quanto mais progride o discurso da ciência, tanto mais universais se tornam os seus termos, isto é, tanto mais amplos e vazios. No estágio atual do discurso científico, e mais especialmente do discurso das ciências da natureza, os seus termos se tornaram extremamente universais, e o acento do discurso passou do sujeito para o predicado. A ciência passou a articular relações entre classes muito amplas, e portanto muito pobres em predicados. Os poucos predicados que restaram são o assunto de qual a ciência conversa. A ciência é pois, formalmente, um esvaziamento disciplinado e progressivo dos conceitos da conversação cotidiana. Esses conceitos são, do ponto de vista científico, pré-conceitos, já que anteriores à ciência e sua matéria prima. A função formal da ciência é portanto a superação progressiva e metódica de pré-conceitos.

Como clima existencial é a ciência uma atividade criadora de termos. Os termos científicos são, em primeira instância, nomes de classes, das quais os nomes próprios são os elementos. Em instâncias posteriores são os termos científicos nomes de classes de classes. Na primeira instância são os termos científicos semelhantes aos termos da conversação da qual surgiram, por exemplo os termos como "corpo", "ferço", "vertebrados" e "desejo". Mas essa semelhança é enganadora. Os termos científicos, por serem nomes de classes, são rigorosamente definíveis, e são mais amplos e mais vazios que os termos da conversação aos quais se assemelham. Nos estágios subsequentes essa semelhança diminui e surgem termos como "eletrom", "entropia", "cromossomo" e "gongoleto". Finalmente toda semelhança é mero acaso, e os termos científicos passam a ser símbolos matemáticos, lógicos ou puramente formais e ad hoc formulados. Todos esses termos são resultado de uma atividade mental específica, que se caracteriza pelo rigor do seu método, (que é grosso modo o método da lógica), e pela deliberação da escolha. A ciência é um jogo mental deliberado e rigoroso. Distingue-se ela das artes pelo tipo das regras dentro das quais opera, já que essas regras são puramente lógicas, enquanto que as regras artísticas contêm outros elementos. E distingue-se de atividades como o jogo de xadrez pela sua maior liberdade, já que por assim dizer modifica as regras de jogo e cria peças na medida em que progride. Mas a ciência pode ser encarada como uma atividade que tem aspectos em comum com a arte e com o xadrez, tanto formalmente como existencialmente. Como a arte, é a ciência uma criação de estruturas que são vivenciadas como realidades. E como o xadrez é a ciência um jogo que soluciona problemas que lhe são aparentemente dados. O clima dentro do qual a ciência discorre, esse clima localizante entre o jogo de xadrez e a criação artística, é o clima da teoria. Proporciona aos que dela participam um tipo de existência que Aristoteles chamava de "bios teoréticos", que é uma vida distante da vivência imediata. Movimentando-se, como se movimenta, entre termos rigorosos e deliberadamente criados, está o pensamento científico em situação irônica, ante aquele tipo de vida que se choca a todo instante contra a plenitude da vivência imediata articulada em nomes próprios pela conversação cotidiana. Não conhece portanto aquela angústia e aquele nojo que a absurdidade da vivência proporciona, mas desconhece igualmente a exuberância e a plenitude desse tipo imediato da vida. A vida teórica é irônica, lúdica, criadora, progressiva e progride rumo à sua própria exaustão, portanto rumo à morte como solução definitiva dos problemas que lhe são assunto.

A passagem da vida cotidiana para a vida científica é gradativa em dois sentidos. Como indivíduos participamos da conversação científica apenas com uma parte da nossa mente, e a parte maior continua participando da conversação cotidiana. Mas somos mentes civilizadas, no sentido ocidental desse termo, na medida em que participamos da ciência e dos seus termos. E como sociedade participa o Ocidente apenas parcialmente da conversação científica e o faz de maneira pouco rigorosa. Mas a meta da nossa sociedade é a pas

VILÉM FLUSSER

sagem gradativa para esse tipo de vida. O problema de qual tratarei nesta aula diz respeito à modificação de clima que essa passagem acarreta. Os nomes próprios que sae o assunto da conversação cotidiana, por exemplo "João" ou "esta sala" são articulações de vivências imediatas. Nesses nomes aquilo que nos cerca se realiza nos mesmos intelectos. As virtualidades que estão por aí, ("sind vorhanden"), se realizam nesses nomes. Essas virtualidades se revelam no mesmo intelecto por esses nomes. Os nomes próprios sae revelações do vir-a-ser, são o ponto no qual o intelecto surge de caos do inarticulado. É por isto que a rigor todo nome próprio é espantoso. Em sua plenitude indefinível desafia todo esforço de predicação, embora o proveque. O nome próprio é a um tempo a origem e a fronteira do pensamento. Não se pode pensar além do nome próprio, porque além dele estende-se o inefável. Podemos recorrer a gestos, podemos apontar com o dedo em vez de dizer "esta mesa", mas o próprio gesto será um nome próprio de uma linguagem de gestos, um nome traduzível para a linguagem cotidiana pelo termo "esta mesa". O nome próprio é o intelecto em situação extrema ante o inefável. Em uma palavra: todo nome próprio é um mito. Como tal estabelece todo nome próprio um mundo em seu redor, um mundo constituído por uma estrutura específica, que é a estrutura das frases nas quais o nome ocorre. É de acordo com essa estrutura que o nome próprio será predicado. A predicação do nome próprio é o rito do mito. A conversação é a conversação ritual de mitos. Um conjunto de mitos com seus ritos chama-se "língua". Entre esses mitos destacam-se alguns pela sua importância para a conversação dentro de uma dada língua. A primeira parte deste curso esteve dedicada à discussão de alguns desses mitos importantes para a conversação do Ocidente.

A vivência que a conversação ritual do mito proporciona chama-se "realidade". Se digo "João está na sala" tenho a vivência da realidade, porque tenho a fé de ter articulado uma frase significativa. Essa realidade pode ser positiva ou negativa, isto é a frase pode ser verdadeira ou falsa. Tenho a fé que não posso verificar a frase, isto é que existe uma relação imediata entre a minha frase e o inefável que me cerca. Mas quando procuro articular esse fé vejo-me frustrado. Como posso saber se João está realmente na sala? Predicando o sujeito João em direção do objeto sala. A vivência da realidade que frases contendo nomes próprios proporcionam é uma vivência que não resiste à intelectualização rigorosa. A conversação é uma progressiva perda do senso da realidade. Na medida em que predico nomes próprios perco o senso de realidade. Esse senso é substituído, progressivamente, pelo senso do absurdo. Quanto mais predico a respeito de João e da sala, tanto mais esvaio o seu mito. A ritualização do mito é a redução ao absurdo do mito. Há portanto dois polos entre os quais a conversação que contém nomes próprios discorre. Surge do polo da realidade e desemboca no polo do absurdo. O ritual que precede a conversação a partir da realidade rumo ao absurdo é a dúvida que corre a fé inicial e resulta em ceticismo. O processo que acaba de descrever é tanto individual como coletivo, e o montante da perda de fé serve como medida de progresso tanto do indivíduo como da sociedade. Podemos falar em entropia da fé no progresso do pensamento. O estágio atual da conversação ocidental, que é um estágio adiantado, é caracterizado pela prevalência do clima do absurdo. A filosofia existencial é apenas uma das manifestações desse clima. Nesse estágio os nomes próprios estas gestos, perderam o seu brilho original, aquela aura de sacralidade que arrastaram consigo ao terem surgido, e transformaram-se em termos profanos, em chaves prontas a recaírem em conversação fiada. A absurdidade do processo de conversação todo, a sensação de frustração, do enfado, do eterno retorno do sempre idêntico, pervade o ambiente. Os nomes próprios, que originalmente eram mitos no sentido de revelações, transformaram-se em meros ídolos nos quais perdemos a fé e em redor dos quais continuamos a tecer os nossos comentários rituais numa festa sem festividade. Os nomes próprios perderam o seu significado, e com isto perdeu significado a nossa vida ao meio deles.

É nesse clima, e para superá-lo, que a ciência surgiu. É ela a tentativa de transcender o discurso que corre da realidade rumo ao absurdo. Não é a única tentativa. Arte, filosofia e religião são outras. Delas tratarei em au-

VILÉM FLUSSER

las futuras. Mas a ciencia é uma tentativa característica do Ocidente. Procura transcender o discurso pelo abandono do nome próprio, e pela transferência da conversação para níveis novos. Abre a ciência mão do senso da realidade para evitar o senso da absurdidade. Cria portanto uma estrutura, a qual, embora não proporcionando a vivência da realidade, taepouco provoca, pelo menos em tese, a vivência do absurdo. Dado, para ilustrar esta minha afirmativa, um único exemplo. Falarei do mito do corpo.

O termo português "o corpo", tal como aparece na conversação cotidiana, é um nome próprio disfarçado e significa "este meu corpo". Como tal, é ele uma sinópsis de vários mitos, como o são aliás todos os termos da conversação do Ocidente. Vibra nele o mito de Adão, e os mitos órficos da reencarnação, e o mito latino do fôcus, e o "Laib" germanico, e o mito eslavo do embrião surgido da terra. O corpo é a revelação de múltiplos aspectos da sacralidade velada que nos cerca. No termo "corpo" essa sacralidade se revela, resplandescente e festiva. As frases que contem o termo "o corpo" são ritualizações festivas dessa realidade mítica revelada pelo termo. Essas frases predicam atributos do corpo. Na medida em que o fazem, na medida em que procuram exaurir o conteúdo inexaurível do termo, profanam a sua sacralidade. A absurdidade desse processo torna-se sempre mais evidente. No fim sabemos que nada adiante falar-se a respeito do corpo. Dá tudo na mesma.

Na conversação da física é o termo "corpo", aparentemente tão semelhante ao termo português, um nome inteiramente diferente. É o nome de uma classe da qual o termo português é um elemento. É um termo rigorosamente definível, por exemplo pela definição "tudo que ocupa espaço". O termo português não passa de preconceito que deu origem ao conceito da física, um preconceito deliberadamente escolhido pela física para desmitizá-lo. O termo físico "o corpo" não proporciona quase nenhuma vivência da realidade. Em compensação permite uma série de juízos rigorosos e sistemáticos que o predicam até exauri-lo. Não provoca portanto aparentemente nenhuma vivência do absurdo.

No entanto a origem mítica do termo esconde-se como que nas entranhas do termo da física e dá-lhe aquele resto da vivência da realidade que a ele adere. Graças a esses vestígios míticos podemos ainda, como dizemos, imaginar algo quando a física fala em corpos. "Imaginar" significa justamente sentir a aura mítica de um termo. Essa imaginabilidade é, do ponto de vista científico, um defeito. É sinal que a ciência é ainda presa da mitologia. Mas as regras do jogo da ciência permitem a superação desse estágio imaturo. Podem ser criados termos, que serão nomes de classes, das quais o termo científico "o corpo" será elemento. Podem ser, em outras palavras, elaboradas teorias que abrangem a teoria do corpo. Esses novos termos serão diferentes dos termos portugueses, serão por exemplo a letra m , que surgiu originalmente da palavra portuguesa "massa", mas que terá muito pouco em comum com essa. É essa própria letra m que pode ser superada. Finalmente chegaremos a equações matemáticas inteiramente inimagináveis. Nessas equações terá sido esgotado inteiramente o assunto lançado para cá pelo mito do corpo. Será superada a absurdidade de querer-se predicar o termo "o corpo", porque todo esse esforço será revelado como puramente formal e dependente de definições deliberadas. Tudo que podemos dizer a respeito do corpo pode ser verdadeiro em certo contexto, por nós escolhido, ou falso em outro contexto, igualmente escolhido, e insignificativo em terceiro contexto. A veracidade ou falsidade das proposições, longe de ser uma matéria de fé, como diz o mito, é uma questão formal, a ser resolvida pela análise lógica da frase. As proposições da física que incluem termos que são nomes de classes que por sua vez contêm classes que tem o corpo por elemento são proposições verdadeiras neste sentido formal do termo. O mito do corpo evaporou-se.

O exemplo do corpo que escolhi é, e deve admiti-lo, um exemplo extremamente radical, porque é um dos poucos exemplos nos quais o mito foi inteiramente superado. Na sua maioria a ciência ainda não conseguiu superar os mitos. A própria física, que opera com símbolos deliberados, baseia-se sobre o mito do campo, que certamente revelaria o mito do ser, se for existencialmente analisado. Mas a tendência é esta.

Os mitos fundamentais do Ocidente são os que se recusam mais obstinadamente a

WILHELM FLUSSER Por exemplo o mito do tempo, ou o mito da causalidade. São dificilmente superáveis, porque informam diretamente a estrutura de todas as nossas frases. A física atual mostra, no entanto, como até esses mitos podem ser futuramente superados. Mas o mito central da nossa conversação é, como já disse tantas vezes, o mito do sujeito. É ele que dá a própria forma aos nossos juízos. Quando a ciência tiver superado esse mito, que estabelece os "Sachverhalte", isto é os nexos entre as coisas, quando isto for conseguido pela ciência, a nossa conversação será esgotada, pelo menos nesta camada de significado. O fator de indeterminabilidade de Heisenberg, que é uma maneira de se dizer que sujeito e objeto não podem ser distinguidos, é o primeiro passo em direção dessa meta. Quando este juízo tiver penetrado a conversação geral, a meta da ciência terá sido alcançada. A impossibilidade de se distinguir entre sujeito e objeto acabará com todo conhecimento, que é, para nós, uma relação justamente entre sujeito e objeto. Acabará com todas as nossas noções de valor, que são, para nós, outro tipo de relação entre ambos. E acabará finalmente com todas as nossas noções de significado, que são, para nós, a própria ligação entre sujeito e objeto pelo predicado. A conversação ocidental terá sido superada, quando estiver superado o mito do sujeito. E esta é a suprema missão da ciência no conjunto do Ocidente. Acabar com ele.

Como vêm os senhores, discuti o papel da ciência apenas de um aspecto puramente especulativo. Mas o resultado ao qual o meu argumento me conduzia se ciosa perfeitamente com considerações desenvolvidas de ângulos inteiramente diversos. Isto prova, para mim, a sua validade. A ciência como desmitização dos nossos mitos é a nossa morte como sociedade. A ciência como transferência dos nossos termos para nível novo é o nosso fim como conversação significativa. Considerações diferentes dizem o mesmo. A ciência como produtora de uma massa infinita de instrumentos é a nossa morte como seres atuantes. A ciência como produtora de felicidade sintética é a nossa morte como seres pensantes. E a ciência como produtora de armas é a nossa morte como seres vivos.

Assim pelo menos a situação nos aparece se nos colocamos num ponto de vista externo à vida teórica da qual falei no início desta aula. Mas de dentro dessa vida a situação se apresenta um pouco diferente. Para explicar essa diferença é preciso evocar um momento no pensamento científico que não se coaduna com o seu rigor nem com a sua ludicidade. É o momento da inspiração imediata. Há um momento na atividade científica no qual o cientista está como que em contacto imediato com o inefável. É o momento poético da sua atividade. Nesse momento ele é como que possesso pela visão de um saber. É nesse momento que ele articula termos que, embora aparentemente nomes de classes, são, funcionalmente, nomes próprios a serem conversados. A ciência é um lugar na conversação geral na qual surgem novos mitos. É portanto ambivalente a situação da ciência no concerto da conversação do Ocidente. A sua função é desmitizar os mitos da conversação cotidiana. Mas, como que subrepticamente, lança a ciência novos mitos sobre a conversação, para que esta as converse.

Talvez seja ainda cedo falar-se nesses mitos. Ainda não nos alcançaram em cheio. Estamos na situação da qual fala Nietzsche no conto de homem que procura Deus. Perpetramos um feito cuja notícia ainda não chegou até nós, embora possamos sentir que todo dia está ficando mais frio. Mas os mitos dos quais a ciência é a boca são talvez uma das fontes de uma religiosidade futura. É verdade que interpretada assim muda a ciência inteiramente de aspecto. Será o que será inteiramente "malgré elle", e terá um efeito inteiramente diverso daquele que pretendia. A ciência, longe de ser uma transferência do discurso para camadas abstratas, terá sido a fonte de uma conversação concreta. De uma conversação de nomes próprios, uma conversação sacra. Será uma revelação no sentido religioso judeu.

E aí aparece um fenómeno curioso. Os novos mitos da ciência, se quando nos alcançarem, serão, pelo menos de nesse ponto de vista atual, uma reformulação nova dos nossos mitos antigos. Serão novos salmos, mas serão canta-

dos em louvor da mesma divindade. Assim é formada a prisão do nosso proje-

VILÉM FLUSSER

jecto dentro do qual estamos jogados. Não pod mes sequer imaginar outro tipo de sacro, já que imaginar é justamente ter fé no sacro. A nossa civilização pode perecer p'la ciencia, ou pode por ela ser renovada. Mas se for renovada, será estruturalmente a mesma. E com esta consideração um tanto melancólica abandono o tema da ciencia como desmitização de mitos, e como realização inexorável do projeto do sujeito. Omar Khayyam diz: "Ah love, could you and I with fate conspire, to grasp this sorry scheme of things entire, would we not shatter it to bits, and then remould it nearer to the heart's desire". Mas é que o desejo do coração é informado pelo "sorry scheme", e se fermos a reformulá-lo, saíra no mesmo.